

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 96	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$500	1\$900	6950	5120	21 DE AGOSTO DE 1881	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa. É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-5-	-5-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-5-	-5-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-5-		

SUMMARY

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental em Lisboa, R. — India Portuguesa, Porta da Cidade de Goa ou Arco dos Vice-reis, A. C. TEIXEIRA DE ARANHO — As nozças gravuras — Antiquidades do Algarve, BRITO REBELLO — Congressos Anthropologico

e Litterario, trabalhos dos congressos, R. — Apon-
tamentos para a Vida do Diabo, DELFIN D'ALMEIDA
— Architectos da Batalha e dos Jeronymos, ABEL
ACACIO — Publicações.

GRAVURAS. — India Portuguesa, Porta da Cidade de
Goa ou Arco dos Vice-reis — Bellas-Artes, Na adega
do Convento, esboceto por C. Bordallo Pinheiro —

Estabelecimentos Scientificos de Portugal, Real Ob-
servatorio Astronomico na Tapada da Ajuda — An-
tiquidades do Algarve, Cabeça de mulher encon-
trada nas Thermas de Ossonoba, Baixos relevos
encontrados n'uma sepultura da Quinta da Torre
d'Áres, Monumento de Milreu — Carlos Guiteau,
auctor do atentado contra o presidente dos Esta-
dos Unidos — Caminhos de ferro Portuguezes, Ca-
minho de ferro del'Beugado a Guimarães — Enigma.



INDIA PORTUGUEZA — PORTA DA CIDADE DE GOA OU ARCO DOS VICE-REIS
(Segundo uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

— As horas em que escrevemos, o paiz espera ansioso que de dentro d'umas caixas de folha de Flandres, pelintramente envernizadas, a que a rhetorica politica dá pomposamente o nome de urna eleitoral, alcunha porque é conhecida na nossa constituição, saiam os deputados que representem nas camaras a vontade do paiz e a opinião popular.

O paiz espera ansioso é simplesmente uma phrase consagrada para estas occasiões e que não significa inteiramente nada.

O paiz não espera nem ansioso nem tranquillo, o paiz o que faz ha muito tempo é não esperar.

Unicamente quem espera são os candidatos á deputação que tem alli a arder o seu dinheiro, e que esperam pelo que sae da urna, com a anciedade com que os jogadores da roleta esperam que a bola caia n'um numero.

Será no seu? n'aquelle que elles tem carregado d'ouro? Será no outro, n'aquelle que vae enriquecer o visinho e fazer-lhes perder tudo o que apostaram?

Alguns, mais cautelosos jogam em dois e em tres numeros ao mesmo tempo, mas o peor é que a roleta é um jogo muito mais licito, muito mais serio que o jogo eleitoral.

Na roleta a sorte manifesta-se abertamente, simplesmente sem auxilio de ninguém: no jogo eleitoral ás vezes ha quem ajude a sorte, quem puche a bola para um certo numero, e d'ahi protestos e reclamações que vão depois entreter a prodigiosa actividade do parlamento portuguez.

Ora, eu francamente, não percebo muito bem para que se fazem eleições, a não ser para fazer girar os capitaes, para arejar muito dinheiro que anda para ali arrecadado, aferrolhado, para dar certo incremento aos mercados vinícolas, e para animar a industria d'uns pobres diabos que não tem senão uma coisa para vender — o seu voto, e que se não fossem estas eleições de vez em quando morreriam de fome, porque o seu unico modo de vida é votar.

A não ser por estes motivos, muito louvaveis e muito attendiveis, de certo, porque no fim de contas é necessario que todos vivam, nós reprovamos completamente as eleições como inuteis.

Sim porque no fim de tudo para que servem as eleições? Toda a gente sabe quem são os eleitos do povo, segundo os varios governos que nos regem. Apontam-se a dedo, muito antes do sahirem da tal urna eleitoral.

Isto de eleições é como as *soirées* particulares. Cada governo tem os seus convidados.

Quando o conselheiro X dá uma partida já toda a gente sabe antes d'essa partida se effectuar, quem vae a ella. É o sr. A., o sr. B., o sr. C. que são as pessoas das suas relações intimas.

Quando o conselheiro Z. dá a sua *soirée*, sabe-se tambem já que os convidados serão o sr. F., o sr. G., o sr. H., porque são as suas visitas ordinarias.

Nas eleições acontece o mesmo.

Quando está no poder o partido regenerador, sabe-se perfeitamente que a vontade livre, consciente e imparcial do paiz, escolherá para seus representantes os srs. A, B, C, que são filhos, primos, sobrinhos, tios, e amigos dos ministros, quando esse partido cae, e as *redes do governo* passam ás mãos d'outro partido a vontade imparcial livre e consciente do paiz escolhe immediatamente outros representantes, os srs. F, G, H, que são amigos, tios, sobrinhos, primos, e filhos dos novos ministros.

E assim successivamente.

Ora provado como está pela longa e triste experiencia, que o resultado das eleições é sempre este, era muito melhor acabar com as eleições, cada ministerio ter uma lista dos seus deputados como cada pessoa que dá balles tem uma lista dos seus convidados, e quando abre as camaras, fazer o mesmo que o sr. conselheiro quando abre as suas salas, em vez de mandar listas aos administradores de conselho, aos go-

vernadores civis, e aos regedores de parochia, mandar convites ás pessoas de sua familia e relações.

O resultado era o mesmo, com a differença de ser muito menos escandaloso e muito mais barato.

— O Porto deu-nos ha dias um espectáculo curioso e grandioso, um espectáculo de caridade ruidosa, que chamou áquella cidade milhares de pessoas de fóra, que com a sua presença e com o seu obulo tornaram mais apparatusa a festa e mais avultada a esmola.

— O Furadouro, uma povoação de pescadores, composta toda de casas de côlmo, foi devastada completamente por um incendio. O fogo pegou n'uma barraca, e ali foram todas pelas ares, como casas de cartas quando se sopra uma.

Aquella povoação laboriosa, honesta e pobre amanheceu na maior das miserias, sem ter um bocado de pão para comer, um trapo para vestir, um buraco onde se abrigar.

A noticia d'esta grande desgraça alastrou-se por todo o reino, como o fogo se alastrara por toda aquella miseranda povoação, e de todos os lados do paiz se elevou um grito unanime de commiseração e de dó por aquelles pobres pescadores. A catastrophe era extraordinaria, e o Porto fez-lhe uma extraordinaria reparação.

Com uma rapidez incansavel, organisaram-se commissões, formaram-se bandos perccatorios que correram toda a cidade, com uma grande pompa vistosa d'apparato, pedindo esmola para os desgraçados pescadores, que fechavam o cortejo imponente e brilhante, n'um carro, com os seus pittorescos trajés.

De Lisboa foi enorme concorrência a essa festa de caridade, e toda a imprensa do paiz implorou a beneficencia publica para as victimas d'essa medonha desgraça, tornando-se notaveis entre todos esses artigos, as brilhantes invectivas de *Chari-vari* no *Jornal da Noite* contra essa caridade que se expande diante das inundações e se retrae ante o fogo.

— Desde o dia 18 temos em Lisboa um hospede real dos mais excentricos que tem posto o pé no solo lisboeta, é S. M. David Kalakana I, rei do Howaii, archipelago das ilhas Sandwich, na Oceania.

Os antecessores de sua magestade comiam gente, o rei actual alterou um pouco o *menu* dos seus antepassados e supprimiu d'elle essa entrada saborosissima de carne humana.

Fez bem o monarcha mesmo porque o sr. Victor Sasseti proprietario do Hotel Braganza, onde S. M. se alojou ver-se-hia em serios embaraços para lhe servir esse delicado manjar.

O rei Kalakana não tem já essas exigencias de paladar; contenta-se com *linguado au gratin*, com filetes de vacca á jardineira, em vez de costeletas humanas e de miolos de philosopho; está profundamente civilisado, e em Paris os jornaes apanharam os seus ditos e contaram as phrases amaveis que elle dirigia ás cantoras de opera comica e que não deixam de ter seu feitiço galante.

Por exemplo, no theatro Dejazel, S. M. assistindo á representação das *Femmes de Paul Koch* notou o bouquet formoso que se ostentava no formoso collo de Jeanne Saignard, e designando-o ao seu camarista, disse-lhe:

— Levem-me aquelle ramo ao meu hotel, esta noite, com a jarra.

A' sahida do espectáculo o monarcha de Howaii mandou o seu lenço bordado de joias a M.^{lle} Blanche Brébion.

A chronica diz que a virtude de M.^{lle} Brébion sahio intacta d'esta provocação princepsca. Reenviou o lenço ao rei, mas guardou piedosamente os bordados.

Seguramente em Lisboa o rei Kalakana não fornecerá d'estes dados á chronica. Ainda não tivemos o gosto de ver S. M., procuraremos dar-nos esse prazer, e partilhamos-o-hemos, o melhor que podermos, com os nossos leitores.

— Paço d'Arcos teve na segunda feira passada a sua festa maritima, a sua regata, que chama sempre ali grande concorrência.

N'essa regata o barco vencedor foi a *Altair* do sr. Mooser.

O rio offerencia um lindo aspecto todo constellado de barcos e de vapores.

O vapor *Aurora* do sr. França Netto, a pretexto de assistir á regata deu um encantador passeio no rio, sahindo a barra e indo até á bahia de Cascaes, com um tempo magnifico e um mar de rosas.

— Annuncia-se ha immenso tempo no passeio publico uma festa extraordinaria, mas realmente extraordinaria, uma festa em Versailles, em que segundo dizem as folhas, o sr. Justino Soares apparecerá vestido de Luiz XIV.

Não sei se para mais espicaçar a anciedade publica este espectáculo tem até hoje ficado sempre addiado.

Nós achamo-lo tão extranho, tão funambulesco que não acreditamos muito que elle se leve a effecto; mas se por acaso se levar, poderá faltar a elle toda a gente, menos nós se Deus não mandar o contrario.

Ao mesmo tempo annuncia-se para breve outra grande novidade no Passeio Publico, muito menos extraordinaria do que o sr. Justino Soares Sol, mas muito mais util; é a collocação d'um telescópio de grande alcance para quem quizer, mediante uma pequena quantia, gozar o soberbo espectáculo das estrellas.

Em Paris ha muito tempo que ha isto, em Lisboa é uma novidade que deve fazer effecto, porque no fim de contas nós que admiramos ahí tantas *estrellas* pelos nossos theatros cá debaixo, temos obrigação restricta de admirar com interesse as estrellas que ha lá por cima, no grande scenário azul.

— Finalmente depois de muito annunciada e de muito contra annunciada, appareceu a *troupe* de cantores africanos.

Não veio dos sertões d'Africa, como ao principio se disse. Veiu de mais perto, das esquinas do Rocio. A sua directora, a tal artista italiana, em que as folhas periodicas tanto fallaram, essa é que não veio. Perdeu-se na viagem; nos desertos d'Africa, ou na rua da Bitesga, não está ainda bem averiguado.

A *troupe* teve nos Recreios um *successo* que excedeu a expectativa geral. Deve porém dizer-se que essa expectativa geral era um *fiasco* tremendo.

Principia porque toda a gente tinha a desconfiança de que os pretos não eram pretos. Foi preciso até que o sr. Alvarenga, maestro, o affirmasse solemnemente, nos periodicos, para que o scepticismo do publico se abalasse um pouco e em muitos cerebros começasse a germinar a idéa da possibilidade de haver pretos realmente pretos, em Lisboa, aqui á mão de semear, ou antes de colher.

N'essa parte os pretos destruíram azevichamente todas as suspeitas: são negros a valer, tão negros como se nunca tivessem feito na sua vida outra coisa.

O publico quando os viu no palco teve insensivelmente a idéa de molhar a ponta do lenço e de lh'a passar pelas caras a ver se desbotavam.

Lá por dentro, nos bastidores, os pretos foram rodeados, como nunca o foram as coristas das companhias francezas que cá tem estado.

O publico queria-os ver ao pé para ver se aquella negrura era de pós de sapatos ou da cutis.

Quando o panno se levantou e os pretos appareceram, o publico convenceu-se então que elles eram pretos porque os não viu empallidecer de commoção.

E quando os ouviu applaudiu-os porque elles não cantavam mal, sobretudo para pretos.

Esta duvida sobre a côr verdadeira dos pretos faz-me lembrar uma historia authentica d'um joven africano que esteve ha pouco tempo em Lisboa.

Quando cá esteve andou pelos theatros, mas notou que todos os pretos que appareciam nas peças eram brancos pintados de negro. Note-se que este joven africano não viu representar o *Luzo* no theatro de D. Maria. E faço esta nota

porque no ultimo acto do esplendido drama de Antonio Ennes entrava um preto que era um preto a valer. — A empresa tinha um grande orgulho n'esse preto authentico, que todos tomam por um falso preto, menos nós que o vimos ao pé. Mas como dizia o joven africane vae para a sua terra e acontece achar lá uma companhia de brancos a representar.

Na primeira noite o joven africano vae ao palco com uns ares espertalhões de quem tem viajado muito e diz:

— A mim não me embaçam vocês.

Principia a esfregar furiosamente com um panno a cara de todos os actores: estava convencido que eram todos pretos, pintados de branco.

GERVASIO LORATO.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

LE ARTE ORNAMENTAL EM LISBOA

Por decreto de 22 de junho de 1881, foi determinada a celebração de uma *Exposição retrospectiva de arte ornamental* em Lisboa, isto é de todos os productos de arte ornamental, considerados como produzidos em Portugal e Hespanha anteriormente ao seculo XIX.

Esse pensamento assaz importante para a historia da arte no nosso paiz, parece-nos posto em execução um pouco prematuramente, em vista da falta de estudos previos, por isso que em muitos pontos labora-se em duvidas, pouco examinadas umas, difficéis de solver outras, e sobretudo pela falta de individuos exclusivamente dedicados a assumptos archeologicos, cuja critica possa fazer auctoridade. Em geral os nossos archeologos são mais curiosos, que homens do *metier*, o paiz é pequeno, as nossas coisas são pouco visíveis, e portanto n'um momento dado, tudo são revellações, e porisso tudo são problemas a resolver.

A prova do que acima dizemos está no elenco dos membros da grande commissão, onde a maioria, aliás pessoas respeitáveis, e da maxima importancia em outros ramos, não se percebe qual a sua competencia n'este. No nosso paiz os governos entendem que certos homens não de ser para tudo, e por isso uma grande parte para nada serve.

Não trataremos da questão de edificio, que a politica já explorou em seu proveito, só diremos que com a importancia do aluguer do palacio, e com as despesas que n'elle se estão fazendo e se farão para o tornar *souffrituel* para o fim a que é destinado, se podia fazer obra perfeita e que ficasse pertencendo á nação. Mas, já a outros propositos se tem dito aqui, em coisas de arte e de sciencia é um milagre ver os nossos governos seguirem um principio, uma norma sensatas e de boa administração.

Acceptemos os factos como estão, e congratulemo-nos com a nação por todos, com rarisimas excepções, corporações e particulares, terem accudido ao appello da commissão. As riquezas e preciosidades, já hoje entregues á commissão são immensas, e as que se colligem ainda promettem ser valiosissimas, e decerto d'este concurso se colherá mais algum resultado, do que, como dizem pragueiros, os reparos do palacio do Marquez de Pombal.

Bas a considerar a noção de respeito que a exposição pôde espalhar, com relação aos artefactos antigos, para ao menos se colher o resultado da conservação dos restos que apparecem.

São admittidas á exposição:

1.º *Obras de ourivesaria, metais preciosos e joias*: quer sejam alfaias do culto, como custodias, calices, cruces, pixides, porta pazes, cas-

tiças, campainhas, thuribulos, navetas, relicarios, lampadas, baculos etc.; quer sejam de uso domestico, como jarros, gomis, salvas, bacias, fructeiras, urnas, molduras, bandejas, taças, peças de baixella, de toucador etc. quer sejam adornos pessoas, como brazões, collares, pulseiras, broches, fivellas, botões, cadeias, condecorações etc.

2.º *Obras de metais não preciosos*, em serralheria: portas, grades, fechaduras, cofres, aldravas, estantes, candelabros etc.; em bronzes e outras ligas metalicas: bacias, candeieiros, pratos, marcos, campainhas etc.

3.º *Esculptura decorativa*. — *Estatuetas, baixos relevos, imagens* etc., em marmore, marlim, barro, madeira e cera.

4.º *Armas, defensivas*: escudos, guantes, cotas, gibanetes, adargas cervilheiras, solhas, etc., *offensivas*: espadas, adagas, montantes, massas, lanças, alabardas, punhaes, arcabuzes, pistollas, mosquetes etc., e todos os utensilios de caça.

5.º *Tudo o que respeita a vehiculos, trens, arreios, estribos, sellas, coldres, telizes*, etc.

6.º *Ceramica, vidros e esmaltes* desde a epocha hispano-arabe, incluindo porcelanas estrangeiras, parecendo do programma que as asiaticas não são estrangeiras, azulejos, etc., garrafas, pratos, frascos etc.

7.º *Mosaicos*.

8.º *Obras de tartaruga, cofres*, etc.

9.º *Mobilia* quer de uso domestico, quer relativa aos usos religiosos, incluindo moveis de charão da India e Japão.

10.º *Relogios e instrumentos de precisão* que se to: nem notáveis pela sua ornamentação.

11.º *Instrumentos de musica*, idem.

12.º *Tecidos e bordados*: paramentos e alfaias do culto de brocado, lhama, ou seda; — tapetes, colchas, vestuarios antigos, leques, bordados, rendas, passamanes etc.

13.º *Encadernações*: em couro, metal, pergamimho ou madeira.

14.º *Miniaturas*.

15.º *Recostimentos de sala, pannos d'Arras*, pintados, papeis.

16.º *Couros estampados, pintados, dourados ou prateados*.

17.º *Manuscriptos illuminados*.

18.º *Deseños, modellos e photographias de obras decorativas*.

D'este resumo que fazemos se pôde colligir a importancia d'esta exposição e as vantagens que ao aperfeiçoamento da arte nacional ella pôde trazer.

Oxalá que os esforços de todos os que trabalham de boa vontade sejam coroados de bom resultado, e nós não faltaremos a reproduzir nas nossas paginas o que nos parecer mais notavel.

R.

INDIA PORTUGUEZA

PORTA: A CIDADE, OU ARCO DOS VICE-REIS

Este famoso monumento da velha cidade de Goa, ostenta-se com afania na margem do Mandovy, cercado de palmeiras e de ruínas, e promete ainda, pela sua solidéz, seculos de duração. Compõe-se de um elegante arco de cantaria bem lavrada com o friso da cimalha ornamentado alternadamente de espheras e corças(?). No cimo assenta outro corpo mais estreito, ladeado por dois sóccos com globos, e no centro um nicho em que está a estatua de Vasco da Gama, em pé, de face, fechando superiormente h'um frontão, tendo na architrave a seguinte inscripção:

REINADO ELR. D. PHELIPPE POS A CIDADE AQVI DOM VASCO DA GAMA I.º COMDE ALMIHANTE DESCOBRIDOR E CONQVISTADOR DA INDIA SENDO VI-RO-REI O CONDE DOM FRANCISCO DA GAMA SEV BISNETO O ANO D 97.
IVLIVS SIMON
ING. MAG. INV.

A frente do monumento é toda de cantaria escura, e aos lados tem como apoio grossas muralhas, como melhor se observa na estampa copiada de uma photographia.

A legenda diz que esta obra foi levantada em 1597 por influencia de D. Francisco da Gama, a expensas da cidade, e delineada pelo engenheiro-mór Julio Simão. Tanto este como o conde almirante chegaram a Goa em 22 de maio de 1597, e ao inaugurar-se o retrato do descobri-

dor da India, em 24 de dezembro do mesmo anno, na sala do senado, já Diogo do Couto, no discurso que pronunciou n'essa occasião, alludiu á estatua de Vasco da Gama, collocada na principal porta da cidade, o que prova que toda aquella obra foi planeada e executada em seis mezes.

D. Francisco da Gama era orgulhoso; procurando dar o primeiro logar, como conquistador do Oriente, a seu visavó, e tornando secundarios os feitos gloriosos do grande Albuquerque, cuja memoria o povo muito venerava, deu causa a parte dos desgostos que soffreu no seu governo. Quando, depois de substituído, se preparava para embarcar para a Europa, entre outras desfeitas que lhe dirigiram, derrubaram de noite a estatua de Vasco da Gama, que ficou em pedaços, indo collocar a cabeça e as mãos no pelourinho, e da execução d'esta afronta, inculpa Faria e Sousa o engenheiro francez Sebastião Tibau, muito dedicado aos inimigos do conde almirante, e, provavelmente como official do mesmo officio, rival irreconciliavel de Julio Simão. D. Philippe II, na carta regia de 24 de março de 1608, em que mandou tirar devassa do insultuoso crime, mostra não approvar que D. Francisco da Gama tivesse influido para alli ser collocada a estatua do seu visavó. O senado de Goa ordenou que fosse posta em seu logar a de Santa Catharina, e em sessão de 9 de dezembro de 1609, resolveu o mesmo senado da Camara, que se mandasse fazer nova estatua do primeiro conde da Vidigueira, para ser collocada onde a cidade a havia já posto; e para a de Santa Catharina, que existia no dito portal, se construísse outro nicho mais alto no arco, conciliando assim a homenagem ao descobridor da India, e á padroeira da cidade.

Neste sentido foi dirigida a petição ao vice-rei Rui Lourenço de Tavora, que a deferiu em 11 do referido mez e anno.

Diogo do Couto preparou o discurso para o dia em que se tornasse a inaugurar a estatua do primeiro almirante do mar das Indias, e ali allude tambem á collocação da imagem de Santa Catharina.

Não podemos encontrar o resultado das syndicancias a que se mandou proceder para descobrir os auctores do attentado contra a estatua de Vasco da Gama, nem tão pouco achamos mencionada a epocha em que foi do novo posto sobre o arco, para o que tiveram de cortar o frontão e formar ali outro nicho, onde está sobre uma prancha a figura em bronze dourado, da Santa, e no frontão em que tambem termina este terceiro corpo foi collocado o escudo das armas portuguezas.

Este enxerto devia ter sido effectuado no comeco do segundo vice-reinado de D. Francisco da Gama (1623 a 1627), se o não foi alguns annos antes.

Pyrrus conta ter visto pintadas no arco as guerras em que os portuguezes haviam entrado no Oriente, até ao tempo em que alli esteve, mas hoje não se encontram vestigios de taes pinturas, e apenas varias inscripções feitas pelos visitantes.

A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO.

AS NOSSAS GRAVURAS

NA ADEGA DO CONVENTO

Esboçeto de Columbano Bordallo

O assumpto d'este esboçeto do intelligente artista que está agora em Paris completando o seu estudo de pintura, não é novo mas está bem tratado. A adega é um dos sitios onde melhor se pôde estudar a vida dos conventos, é ali n'esses enormes toneis cheios do melhor vinho, que se vae encontrar o effeito dos dizimos que os piedosos monarchas decretavam para os frades, e que elles aproveitavam com tanta sciencia e tanta consciencia.

Tudo o que n'esses tempos havia de melhor o superior vinho dos lagares das cercanias, os melhores fructos dos pomares, as melhores hortaliças das hortas, a melhor criação das esponeiras, era arrecadado avidamente por esses nedios frades, que engordavam na penitencia e na austeridade das suas regras, e que viviam a vida regalada e ociosa, que enriqueceu a sabedoria das nações com mais um proverbio.

O esboçeto de Columbano Bordallo está bem composto, na obesidade do frade que dá o vinho a provar no seu irmão, está caracterizada toda a vida do convento.

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL
O REAL OBSERVATORIO METEOROLOGICO
DE LISBOA

Representa a nossa gravura o Real Observatorio astronomico visto do sueste. Este edificio, cuja fundação se deve á illustrada e munificente iniciativa de el-rei o sr. D. Pedro V, é sem duvida um dos mais elegantes e bem construidos que existem em Portugal e, por fortuna, ficou situado de modo que aos estrangeiros que entram no Tejo, logo se lhes depara esta magnifica

construção e consequentemente a noticia de que possuímos um estabelecimento scientifico que nos faz honra aos olhos das nações mais cultas.

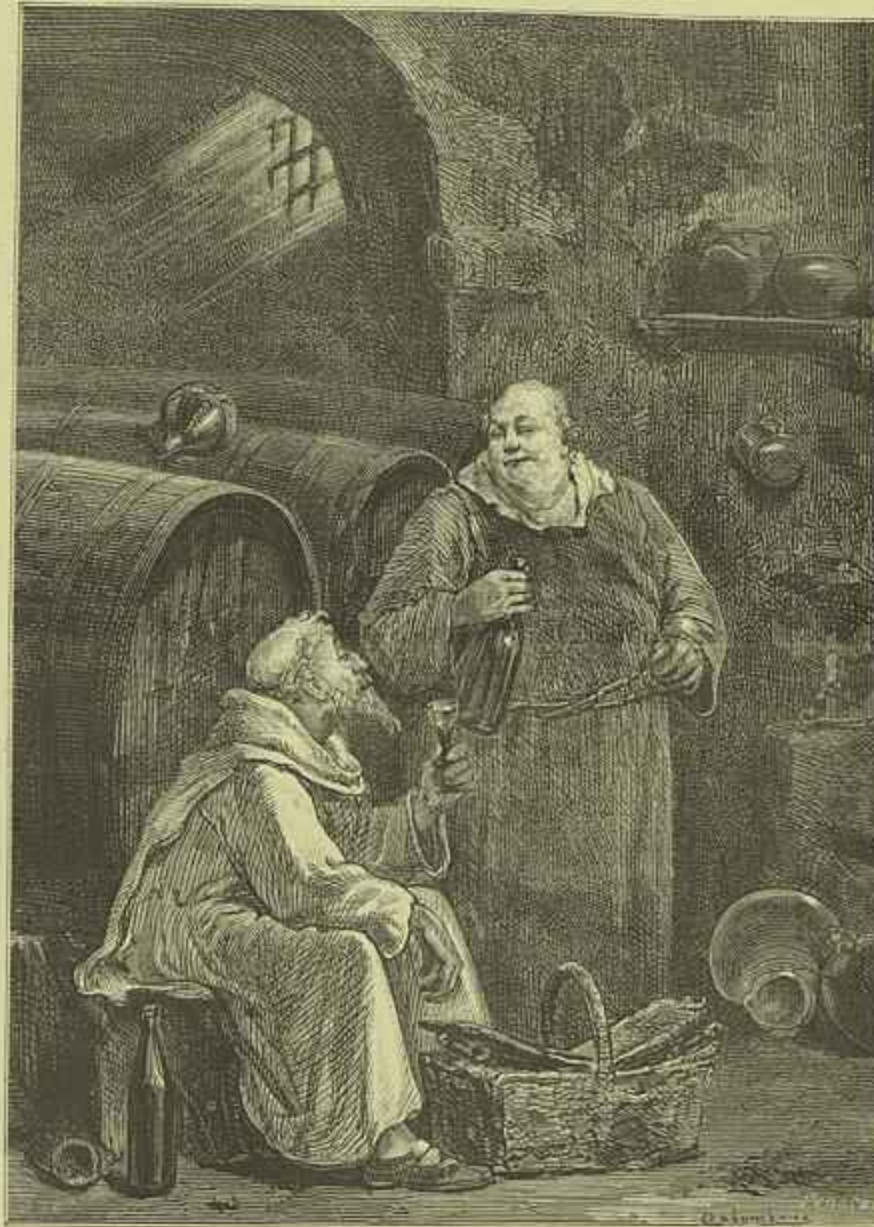
* Extractado do III tomo da *Descripção geral historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, que trata da India, e onde este assumpto vem mais desenvolvido e documentado a pag. 44 e 184.

BELLAS-ARTES

Está edificado o Real Observatorio n'um planalto da tapada da Ajuda, a E. do palacio real e tem de todos os lados e horizonte sufficientemente desfogado, como convém a estabelecimento de tal natureza. A sua construção é muito similhante á do famoso observatorio de Pulkowa, perto de S. Petersburgo, não só quanto ao aspecto exterior, mas também quanto á disposição das salas de observação.

Compõe-se o Observatorio de um corpo central, octogonal, com dois pavimentos, encimado por uma cúpula de ferro e de quatro corpos de um só pavimento, ligada ao corpo central e correspondendo nos quatro pontos, cardinaes. O corpo do lado do sul compõe-se do elegante portico que se vê na nossa gravura, do vestíbulo onde se guardam diversos instrumentos auxiliares, de um quarto onde estão as pilhas que fazem funcionar osapparelhos electro-chromometricos, e das communicações para os pavimentos inferior e superior do corpo central e para o subterraneo. O corpo do lado do norte comprehende uma grande sala de observação onde estão collocados o *zygometrio* e o *instrumento de passagens pelo primeiro vertical*, que foi fabricado na casa Repsold, de Hamburgo, conforme ás indicações de W. Struve, director do Observatorio de Pulkowa. Os corpos do leste e de oeste constam cada um de duas salas, uma para observação e outra para calculo. Na sala de observação de leste está collocado o *instrumento de passagens transportavel* fabricado nas officinas de Repsold, conforme os desenhos do sr. F. A. Oom, director do Real Observatorio, e na sala de oeste funciona o *circulo meridiano*, também de Repsold.

O corpo central compõe-se no pavimento inferior de uma elegante sala circular limitada por oito fortissimos pilares de alvenaria, ligados entre si por meio de arcos, que sustentam uma abobada, hemispherica sobre a qual assenta o *grande equatorial*. Esta sala é circumdada por uma galeria octogonal que communica com os quatro corpos já considerados. O pavimento superior compõe-se de uma galeria correspondente á do pavimento inferior. Essa galeria, que serve de Bibliotheca, circumdada uma parede de forte construção, também octogonal, que é o prolongamento vertical da arcada inferior. Esta parede, que excede o tellado do corpo central, acima do qual toma a forma cylindrica, serve



NA ADEGA DO CONVENTO — Esboço de Colombaço Herdalla Frabreu

(Desenho do mesmo auctor)

de base á cúpula que abriga o *grande equatorial*.

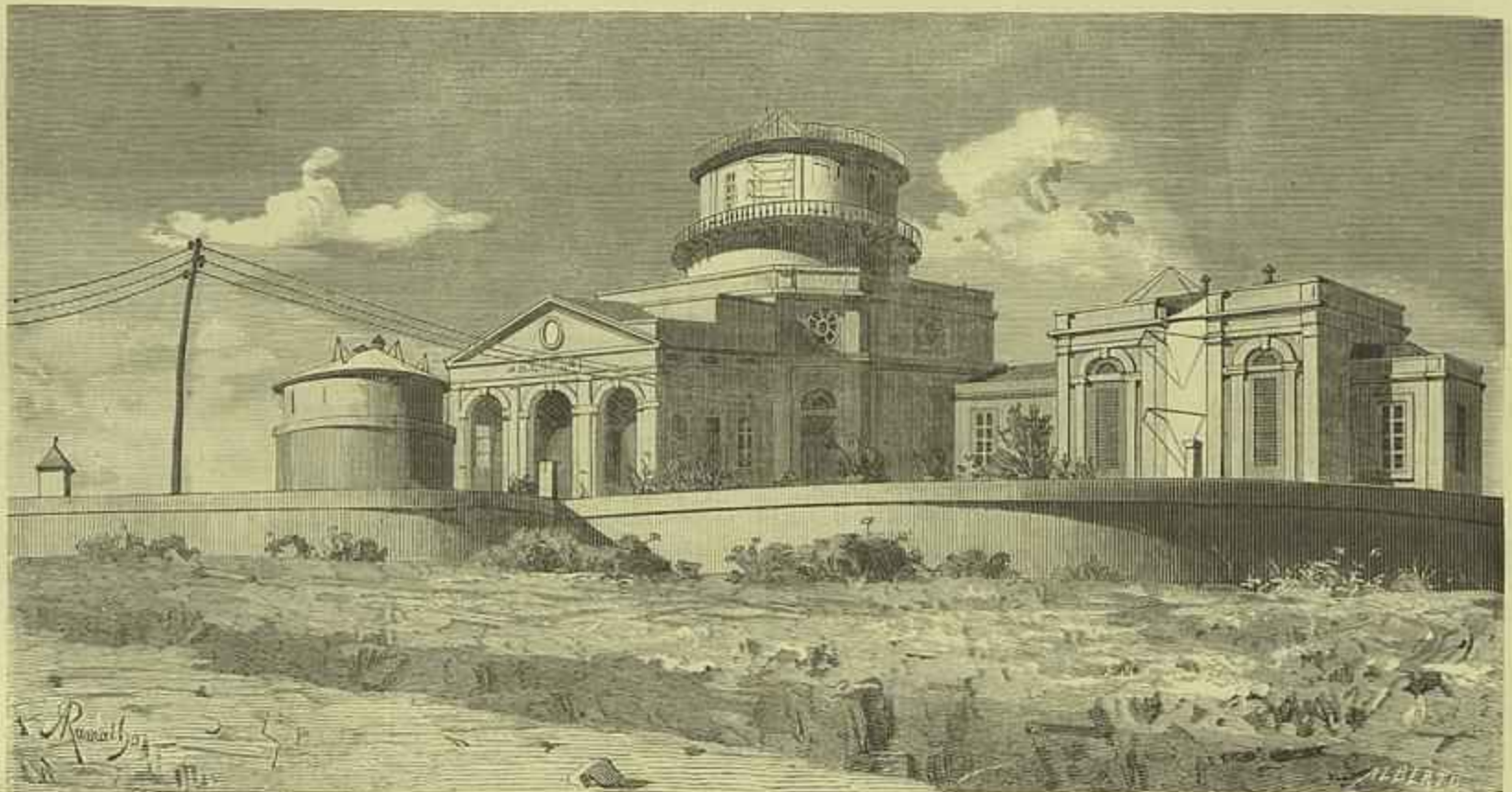
A cúpula, toda de ferro, pesa 30:000 kilogrammas e, por meio de um engenhoso apparelho, move-se circularmente com o simples esforço de uma das mãos.

As salas de observação do pavimento inferior são interiormente forradas de madeira e tem como a cúpula, no tecto e nas paredes tambores que se abrem facilmente, deixando ver largas aberturas, atravez das quaes se fazem as observações. Ao centro das salas estão as pilares de cantaria, sobre que assentam os instrumentos. Estes pilares tem fundamentos especiaes, isolados dos do edificio, para que quisaquer vibrações d'este não se transmitam aos instrumentos.

O material scientifico do observatorio é o mais perfeito e completo que se pode exigir, apesar da falta de recursos pecuniarios contra a qual o estabelecimento tem sempre lutado. Têm-se gasto em instrumentos cerca de quarenta contos de réis, trinta dos quaes foram dados por el-rei o sr. D. Pedro V. Um dos instrumentos mais perfectos do observatorio é o *grande equatorial*, cuja lente tem 15 pollegadas de diametro e custou aproximadamente nove contos. Para reparação dos seus instrumentos tem o observatorio uma officina especial.

A bibliotheca do observatorio não pôde por enquanto ser considerada de primeira ordem, porque são necessarios muitos annos e consideravel despesa para reunir as publicações de uma sciencia tão vasta como a astronomia e das que lhe dizem respeito. Contudo a bibliotheca do observatorio possui mais de 3:000 volumes, principalmente de sciencias astronomicas e mathematicas, e conta, entre outros livros dignos de menção pela sua importancia ou raridade, as obras do nosso immortal Pedro Nunes.

O observatorio foi edificado com as maiores condições de solidez e de estabilidade, superior á estrada e sufficientemente distanciado d'ella para que o movimento das carruagens não produza a mais leve vibração nos instrumentos. A explanada em volta do observatorio é ajardinada, para evitar a poeira, tão prejudicial á conservação dos instrumentos como á exactidão das observações. N'essa explanada, a SE e SO do portico existem duas pequenas torres circulares com cúpulas girantes, para observações com instrumentos transportaveis.



ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL — REAL OBSERVATORIO ASTRONOMICCO DE LISBOA NA TAPADA DA AJUDA

(Desenho do natural por Antonio Ramalho)

O ATTENTADO CONTRA O PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS POR CARLOS GUITEAU

No dia 4 de julho passado, o presidente dos Estados Unidos, o general Garfield, de quem o OCCIDENTE deu o retrato e a biographia em tempo¹, quando entrava na gare de Baltimore do Potomac para ir a Long Branch tor com sua esposa, recebeu dois tiros de revolver, pelas costas, disparados por um homem que entrara na gare minutos antes.

O presidente que ia acompanhado por um dos seus ministros, o sr. Blaine, recebeu o primeiro tiro que o feriu no hombro e continuou a andar, mas ao segundo, cuja bala lhe entrou nos rins, caiu de bruços, enquanto o seu assassino procurava inutilmente fugir para a rua.

Estendido sobre um cobertor na sala da estação, o presidente soffreu logo ali o primeiro tratamento, o seu estado era gravissimo. Transportado depois para o palacio, a sua vida esteve em risco muitos dias, depois melhorou, depois tornou a recair, e ainda hoje, depois de mez e meio, o seu estado inspira sérios cuidados.

O assassino, Carlos Guiteau, d'origem franceza, nasceu em Freeport em 1841. É alto, cabeça pequena e coberta com uma floresta de cabellos escuros, cara comprida e estreita, nariz delgado, um pouco curvo na extremidade, olhos pequenos e profundamente encovados, sob umas sobranhelas espessas.

Seu paé Luther Guiteau era um homem honradissimo, e foi caixa do segundo banco nacional, e director dos correios no tempo do presidente Harrison. Seu filho,

¹ Vide OCCIDENTE n.º 71, 5.º vol. 1880.



CABEÇA DE MULHER
ENCONTRADA NAS THERMAS DE OSSÓNOVA



BAIXOS RELEVOS ENCONTRADOS N'UMA SEPULTURA DA QUINTA DA TORRE D'ARES

Satisfazia esta concessão, que o governo fez, á imperiosa necessidade de ligar o coração da provincia do Minho, com a grande arteria da circulação do paiz. A densidade da população n'esta provincia proxivamente egual á da Belgica, onde ha alguns estabelecimentos industriaes e thermaes de importancia promettiam á companhia prosperos resultados.

Não era porem passado muito tempo e a companhia avocando a si alguns capitalistas inglezes, constituia com outros individuos uma nova companhia, sob o titulo de *Minho District Railway Company*, a qual formulou um programma em que se promettia não só a construção d'aquelle caminho, mas de outros que iriam ligando os pontos mais importantes da provincia, e por ventura a communicar com Traz-os-Montes.

Efectivamente encetaram-se trabalhos, e ou porque os capitaes estrangeiros não eram taes como se dizia, ou porque a crise bancaria do Porto a isso dêsse lugar, o certo é que a companhia falliu passado algum tempo,



MONUMENTO DE MILREU
ANTIGUIDADES DO ALGARVE

segundo as informações, não tem a mesma reputação de probidade.

O motivo que o levou a commetter o crime covarde que pôz em risco a vida do general Garfield, diz-se geralmente que foi a loucura, a monomania da celebridade, como Erostrato.

Outra versão faz d'elle um fanatico politico, um *itheminado*, e uma terceira attribue o crime ao desespero de se vêr pobre e ter corrido atraz de todos os empregos sem nunca obter algum.

Parece que em todas estas versões ha um pouquinho de verdade. Dos interrogatorios de Guiteau vê-se evidentemente que elle não tinha razão alguma pessoal contra Garfield. — O motivo predominante que o levou a tentar assassinar o presidente, julga-se que foi um motivo politico, supprimir o general Garfield para que a presidencia dos Estados-Unidos fosse recahir no vice-presidente Arthur Chester, dando assim a unidade ao partido republicano, cujas duas nuances são representadas pelo presidente e pelo vice-presidente.

Entretanto atraz d'esta idéa politica havia fatalmente uma idéa pessoal d'interesse proprio, idéa que justifica a accusação de loucura, porque evidentemente depois de assassinar Garfield, Guiteau não podia esperar que d'essa morte lhe resultasse proveito algum pessoal.

CAMINHO DE FERRO DE BOUGADO A GUIMARÃES

Quando se achava já em construção o caminho de ferro do Minho organisou-se no Porto por 1874 ou 1875, uma companhia para construir um caminho de via redusida de Bougado a Guimarães.

e os trabalhos paralisavam.

Pelo meiado, porém, do anno passado organisava-se uma nova companhia, cujos estatutos approvados por alvará de 18 de agosto eram publicados no *Diario do Governo* de 30 de setembro, depois de lhe haver sido feita a concessão para a construção d'aquelle caminho por decreto de 5 de agosto, publicado no *Diario do Governo* de 9, tambem do anno passado.

Apenas organizada comprou a companhia á fallida companhia inglesa 7 kilometros já por ella construidos, d'onde se originou um litigio, levantado pelo empreiteiro d'esta á curadoria da massa fallida, litigio que durou algum tempo, e tem embaraçado o andamento dos trabalhos, mas que, resolvido finalmente, deixa a companhia na plena liberdade de levar ávante a sua empreza. Se á verdade, como nos asseguram, que a companhia tem os melhores desejos, e os accionistas estão cheios de fé e de energia, esperamos ver em breve concluido t'o importante melhoramento.

Sabemos que a companhia aproveitou esta

gonhosa só em 1572 terminava, fazendo então D. Catharina remover para o novo tumulo occa-daver de seu marido. Diogo Bar-bosa Machado diz a pag. 459 das suas *Memorias d'el-rei D Sebastião, tomo 3.*, que as obras dos Jeronimos se suspenderam, quando as rendas reaes se applicaram á fortificação dos logares de Africa: e isto explica talvez porque a fabrica da capella bastarda só estava concluida 15 annos depois da demolição da capella legitima.

A' cerca d'esta demolição e re-construção pôde ser consultado o *Summario de varia historia*, de Ribeiro Guimarães.

Servem as precedentes linhas em parte de esclarecimento, em parte de rectificação ao meu ar-tigo anterior, que eu folgo de vêr assim mutilado, enxertado e cor-recto, prova esta de que posterior-mente á sua redacção se fizeram esforços, por sem duvida proficu-ozos, para o desbastamento e de-finitiva lapidação da Verdade.

ABEL ACACIO.

NOTA

No nosso numero anterior fizemos duas pequenas observações ao correr da revisão, que ampliamos agora. Estamos persuadidos que Boutaca, era estrangeiro e naturalmente italiano. A maneira de o nomear sempre pelo appellido e não pelo nome proprio, como é estylo portuguez, assim o faz acreditar; se fosse portuguez chamar-se-lhe-hia mestre João, mestre Antonio, mestre Mathens, etc. e que Boutaca era appellido e não nome evidenciava-se de não apparecer outro tal na nossa historia, e até por já termos encontrado nos registos de D. João III ou posteriores, um doctor Paõ Boutaca, de que temos apontamento que não encontramos agora. O que é certo, é que mestre Boutaca, e outros mestres, eram apenas operarios e não architectos. Boutaca foi para Arzilla como mestre de carpinteria, provavelmente já no reinado de D. Manoel. E' de 1502 a 5 de Janeiro a carta de confirmação do assignado do Conde de Borba, que o fez cavalheiro pelo seu bom serviço allí, o que succedeu a muitos outros; infelizmente a carta não inclui na integra o alvará do Conde, como é quasi sempre habitual, e por isso não sabemos quando isto foi passado, mas é de crer que fosse algum tempo antes e que o regresso do mestre da carpinteria a Lisboa, fosse pouco anterior aquella carta de con-firmação.

Estamos persuadidos que nem Boutaca, nem Diogo e João de Castilho, nem Torralva, nem muitos outros eram mais do que mestres dos seus officios, o que bem denotam os pontos summa-rios das empreitadas de Be-lem, onde o seu jornal está marcado e assente junto ao dos operarios seus subordinados, como se pôde verificar na Torre do Tombo, e por-tanto irresponsaveis pelos defeitos do plano das obras que executaram, e só res-ponsaveis pelo cizelado e assentamento.

Boutaca passou depois a mestre da pedraria, e como tal dirigiu varios trabalhos, e da mesma maneira que Castilho, e ainda outros de menos nomeada, na Bata-lha, Boiem etc.

Sabendo nós que o projecto da Torre de Belem foi feito por Garcia de Resende, que Duarte de Armas, Hollanda etc. desenha-ram fortalezas e outras obras, aparte a proficiência do ultimo, cremos que a obra dos Jeronimos não foi planada por architecto nenhum. Uma falta de harmonia externa, em varios corpos salientes sem precisão, e a mesma capella-mór, que foi mister desfazer p'lo seu acanha-mento, estão denotando na falta de proporção a mão de curioso e não de homem de habilitações convenientes.

O contracto das obras do paço do trigo, Casa da Camara, audiência, cadeia, açougues e outras em Setúbal, celebrado entre o Amo d'Elrei e o mestre pedreiro Gil Fernandes, onde dizendo-se que a obra será *estregida* segundo o risco feito, mas onde a cada parte d'ella se estão dando dimensões com a designação de *potico mais ou menos*, ou como *malher parecer*, denuncia que o que ainda se dá hoje na maior parte das obras particulares, e ainda não ha muitos annos nas obras municipaes, se deu por muito tempo no paiz com obras importantes. Muito mais poderiamos acrescentar para illustrar e esclare-cer alguns pontos tocados pelo nosso dedicado collaborador, a quem agradecemos os seus novos estudos, pedindo nos releve estas observações lançadas a correr.



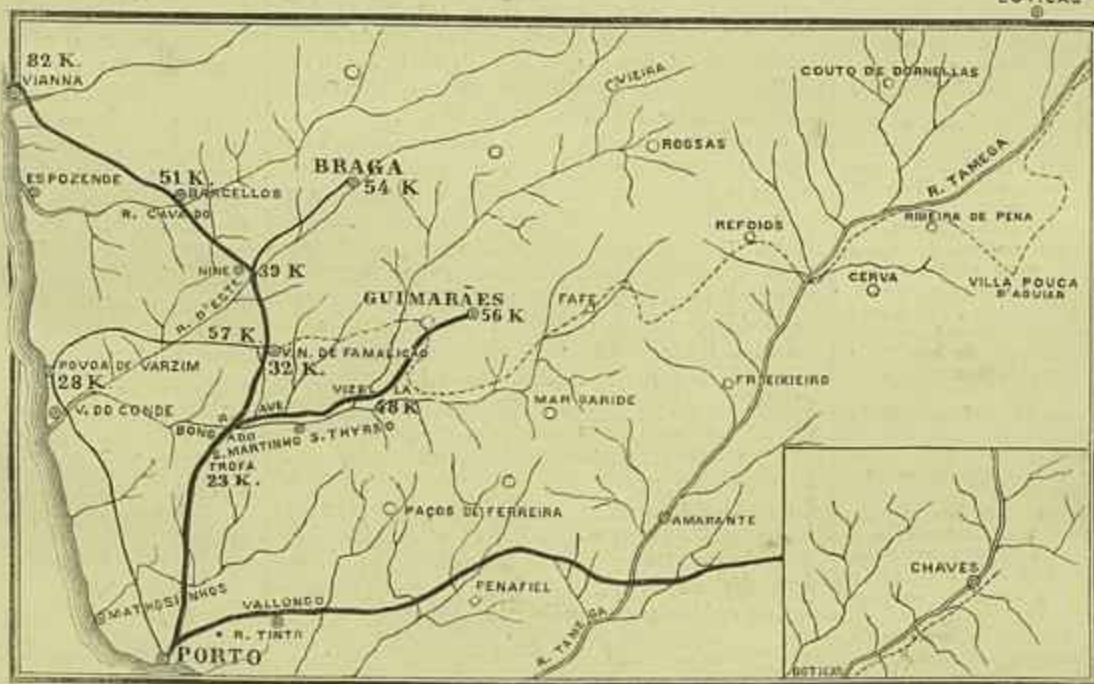
CARLOS GUTEAU — Auctor do attentado contra o Presidente dos Estados-Unidos

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

ALFOFARES, *poemas de A. Moreira de Vasconcellos*, Rio de Janeiro, Typ. da Escola de Serfim José Alves, editor, 83, rua Scte do Setembro; 8.º de 118 pag.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES



CAMINHO DE FERRO DE BOUGADO A GUIMARÃES

Este pequeno volume é-nos offerecido, pedindo-nos o auctor a nossa opinião sobre o seu valor. Costumamos dal-a sempre, procurando ser justos, porque nenhuma preocupação nos cega, especialmente n'este logar. Por isso curamos de ser sempre tão benevolos, quanto seja necessario para não disfarçar os defeitos reaes, nem desanimar o verdadeiro talento. O auctor mostra possuil-o, em grau avantajado, métrica com facilidade, pensa com certa graça e ás vezes com vigor, mas falta-lhe ainda o perfeito conhecimento do seu instrumento. Pecca muito ainda pelo lado da linguagem, mostrando ter pouco trato da lingua, e por isso o seu

estyllo resente-se. Como muitos dos no-veis auctores brazileiros, o até portu-guezes, o que é peor, tem grande tendencia para inventar termos, o que é uma prova de falta de vocabulario, falta que esconde ás vezes a verdadeira ex-pressão do sentimento. Abusa um pouco das elisões, toleraveis nos poetas anti-gos, mas inadmissiveis na moderna poeti-ca, e cae algumas vezes n'uns certos desvios, muito vulgares na moderna es-cola, mas que nem por isso deixam de ser falta de gosto. Se todas as suas poe-sias corresse com a singeleza e natura-lidade das que se intitulam *Sabes, Morta*, fóra o seu volume um perfeito *bijou*. Mas quem escreve assim mostra que lhe falta só estudo dos bons modelles, tempo e lima, tres coisas que hão de ser sempre o desespero das mediocridades, mas que aos verdadeiros talentos, como o do auctor, não fazem senão acrescentar-lhe belleza, força e primor.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, *Economia politica*, Lisboa, David Coraz-zí, editor, Empreza Horas Romanticas, 40, rua da Atalaya, 52, 1881. — E' o 12.º folheto ou tratado d'esta utilissima publicação, e mantem na limpidez e fa-cilidade da exposição os creditos que esta colleção tem sabido adquirir. Não ha talvez sciencia menos conhecida do publico do que a economia politica, e nenhuma, de cuja ignorancia os pam-phetarios, e *politiqueros* abusem tanto, para embair o povo com falsas aproci-ções, a fim de o fazer subscrever ás suas insinuações. E' pois um bom serviço en-sinar-lhe principios e leis, que proxinam contra as falsas excitações dos que que-rem abusar d'elle.

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO E ENSINO, *novo resumo da Historia de Portugal*, *approved pela Junta consultiva da ins-trução publica, compilado segundo o ultimo programma official, e redigido de forma a poder servir para os exer-cicios de leitura nas escolas*, por Fran-cisco José Pedraso, professor normalista, etc. — E' o vol. III de uma colleção de *bons livros sobre todos os conhecimentos humanos*, da empresa Ferreira de Brito, do Porto, e que se levanta *contra a ignorancia*. Começando o volume com uma in-exactidão logo na primeira pagina, segue com muitas ou-tras, e bastante segura de noções historicas, sendo ape-nas em algumas partes uma transformação do *Resumo da Historia de Portugal, do Manual encyclopedico de Mon-teverde*. Para ir *contra a ignorancia*, vemos reproduzidas as effigies dos soberanos, com as armaduras capri-chosas que lhes attribuiu Faria e Sousa e outros, sem carac-ter nenhum iconographi-co, e hoje em livros de instrução não é permit-tido falsear o minimo ac-cidente; tudo o que é inexacto deve ser despre-sado.

SOCIEDADE PROPAGADORA DE CONHECIMENTOS GEO-GRAPHICO-AFRICANOS, *Bo-letim*. — Loanda, typ. do Mercantil, 1881. N.º 1, 1881, janeiro—fevereiro, 1.º anno, folheto de 64 pa-ginas. — É a publicação de uma sociedade d'aquelle titulo, creada por iniciativa particular em Loanda, cuja reunião inicial foi celebrada a 30 de agosto do anno passado, e que depois de devidamente orga-nizada já conta hoje mais de cem associados, sendo seu presidente o an-tigo e conhecido facul-tativo de Angola, o sr. José Baptista de Oliveira. Publica este 1.º numero do Boletim a lista dos so-cios, corpos gerentes, acta da referida sessão, e va-rios artigos sobre coloni-sação, meteorologia, salu-bridade de Angola, cami-nho de ferro d'Ambaca, insignia, selo e diploma da sociedade, necrologio de Alberto Fonseca, e ou-tros que tornam interes-sante e util esta publicação. Desejamos vida prospera a tão importante associação, cuja competencia em assum-ptos africanos, deve vir a ser de primeira ordem.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA 6, Rua do Tesouro Velho, 6